



Regina Igel

## Resenha

# Os judeus marroquinos de Cabo Verde - Século XIX

Obra da autoria de José Alberto R. Silva Tavim e Ângela Benoliel Coutinho e coordenação e organização de Carol Castiel. Lisboa: Edições Colibri, 2024 (2ª edição).

*Há muito que uma obra como esta, em português, está sendo esperada por estudiosos do judaísmo sefardita e pelo público em geral, interessado em conhecer melhor o mundo sefardita. Eis que este livro inclui estudos de dois eruditos, 'scholars' do mais alto gabarito, os Doutores Professores José Alberto R. da Silva Tavim, da Universidade de Lisboa e sociedades académicas e Ângela Benoliel Coutinho, da Universidade Nova de Lisboa e associada à Universidade de Coimbra.*

Há muito que uma obra como esta, em português, está sendo esperada por estudiosos do judaísmo sefardita e pelo público em geral, interessado em conhecer melhor o mundo sefardita. Eis que este livro inclui estudos de dois eruditos, 'scholars' do mais alto gabarito, os Doutores Professores José Alberto R. da Silva Tavim, da Universidade de Lisboa e sociedades académicas e Ângela Benoliel Coutinho, da Universidade Nova de Lisboa e associada à Universidade de Coimbra.

Ambos os trabalhos foram coordenados por Carol Castiel, fundadora do Projecto para a Preservação da Herança Judaica em Cabo Verde, em 2007 (com base nos Estados Unidos, este movimento tem o nome "Cape Verde Jewish Heritage Project, Inc."). Sem interesses lucrativos, esta organização procura honrar a memória e documentar o legado espiritual e a contribuição econômica de muitos dos judeus sefarditas que imigraram, do Marrocos e de Gibraltar, para as ilhas do Cabo Verde, no século XIX. O interesse de Carol Castiel vem de muito antes da fundação deste Projeto.

Diz Carol Castiel, no Prefácio que assina:

O meu envolvimento na preservação e documentação da herança judaica de Cabo Verde teve início na minha adolescência. (...) A combinação da minha paixão pela história e cultura sefarditas (marroquina, em particular) com a minha forte identidade judaica levou-me a ser seduzida pela presença sefardita em Cabo Verde. Na fé judaica, cuidar dos falecidos e dos seus cemitérios é uma das maiores mitzvot (boas ações ou obras). Igualmente, a preservação da

memória judaica também me motivou a envolver-me neste projeto.

Como jornalista afiliada à Voz da América, em Washington desde 1999, fez inúmeros trabalhos de consultoria para a promoção do comércio entre os Estados Unidos e a África, trabalhou para a revista West Africa Magazine e se dedicou à administração de bolsas de estudos no Instituto Afro-Americano, por oito anos a partir de 1984.

Sua participação no Projeto, que inclui pessoas de imensa importância regional e internacional em Portugal e em Cabo Verde, a levou, entre outras iniciativas, a reunir os trabalhos dos dois ilustres especialistas em estudos sefarditas, acima mencionados.

O professor José Alberto Tavim já é conhecido do nosso público leitor no Brasil, pois participou do segundo congresso do CIES (Congresso Internacional de Estudos Sefarditas), que teve lugar em agosto de 2023, no Rio de Janeiro. É pesquisador sênior do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e, como professor e palestrante, atuou e continua atuando em várias instituições de ensino superior, como convidado por universidades em diversos países: em Israel (Bar Ilan, Jerusalém e Tel Aviv), na França (Aix-em-Marseille, Paris), na Alemanha (Potsdam), no Brasil (Rio de Janeiro) etc.

Sua colaboração para este volume relaciona-se aos "Judeus em Portugal e na Diáspora - Marrocos e Cabo Verde". Trata-se de um dos seus muitos ensaios dedicados a estudar em profundidade os caminhos diaspóricos forçados aos judeus

portugueses pelo rei Dom Manuel I, por suas resistências a converter-se à fé católica. Já os que se tinham convertido e recebido a alcunha de 'cristãos-novos' na propaganda ilusão de que seriam tratados como os demais católicos, também tiveram, em muitos casos, em optar pela fuga de Portugal.

Atraídos por possíveis oportunidades comerciais e mercantis encontráveis em centros urbanos além-mar, muitos destes cristãos-novos e judeus escolheram o Marrocos e, futuramente, Cabo Verde para iniciarem uma nova jornada existencial. Em regiões marroquinas, apesar de ter muçulmanos como regentes territoriais, teriam os judeus e os cristãos-novos uma vida menos conturbada, como o era em Portugal e na Espanha antes da chegada da Inquisição.

O autor apresenta o panorama histórico que deu origem à emigração judaica ou cristã-nova, no primeiro capítulo do seu trabalho, intitulado "Os judeus em Portugal, da Idade Média à Diáspora". Neste contexto, discorre sobre as etapas angustiantes provindas da Casa Real portuguesa em relação aos judeus portugueses e espanhóis, que tinham procurado abrigo em Portugal depois da expulsão definitiva que receberam na Espanha dos chamados "reis católicos".

Tavim salienta, no capítulo 2 "A Diáspora para Marrocos", o choque cultural advindo da chegada dos espanhóis e portugueses no Marrocos, onde já havia comunidades judias de longa data. Os judeus locais eram conhecidos como 'toshavim', isto, autóctones do espaço marroquino, enquanto os recém-chegados ficaram conhecidos como 'megorashim', isto é, estrangei-

ros ou forasteiros, ambas palavras originárias do hebraico. Uns e outros se depreciavam, desprezavam-se, os europeus achando que os marroquinos judeus eram atrasados social e intelectualmente, alheios à civilização europeia etc., enquanto os judeus locais criticavam os europeus como arrogantes, orgulhosos e pouco propícios a uma confraternização, apesar de os dois grupos pertencerem à mesma religião.

Diversos aspectos da convivência judaico-cristã-muçulmana são examinados pelo autor, revelando que o próprio rei Dom Manuel incumbia 'seus' judeus, cristãos-novos ou não, de manter negócios que fossem lucrativos para Portugal, com os árabes locais.

Em "Os cristãos-Novos em Cabo Verde", que é o último texto do seu trabalho, o historiador salienta que houve dois períodos relativos aos judeus no Arquipélago: a partir da primeira metade do século XVI, nota-se a presença dos judeus convertidos ao cristianismo, ainda na Península Ibérica e, em "tempos modernos", a chegada de judeus marroquinos.

Os cristãos-novos, aqueles expulsados ou fugidos do território continental português, foram considerados gente de confiança do rei Dom Manuel I e por este colocados em posições de responsabilidade na gerência da economia do Arquipélago.

O rei reconhecia, nos judeus, suas habilidades linguísticas, inclinações pelo comércio, pela navegação, por negócios que incluíam trâmites com a escravidão de africanos e por sua cultura, o que lhes facilitou encontros diplomáticos com dirigentes muçulmanos de regiões circun-

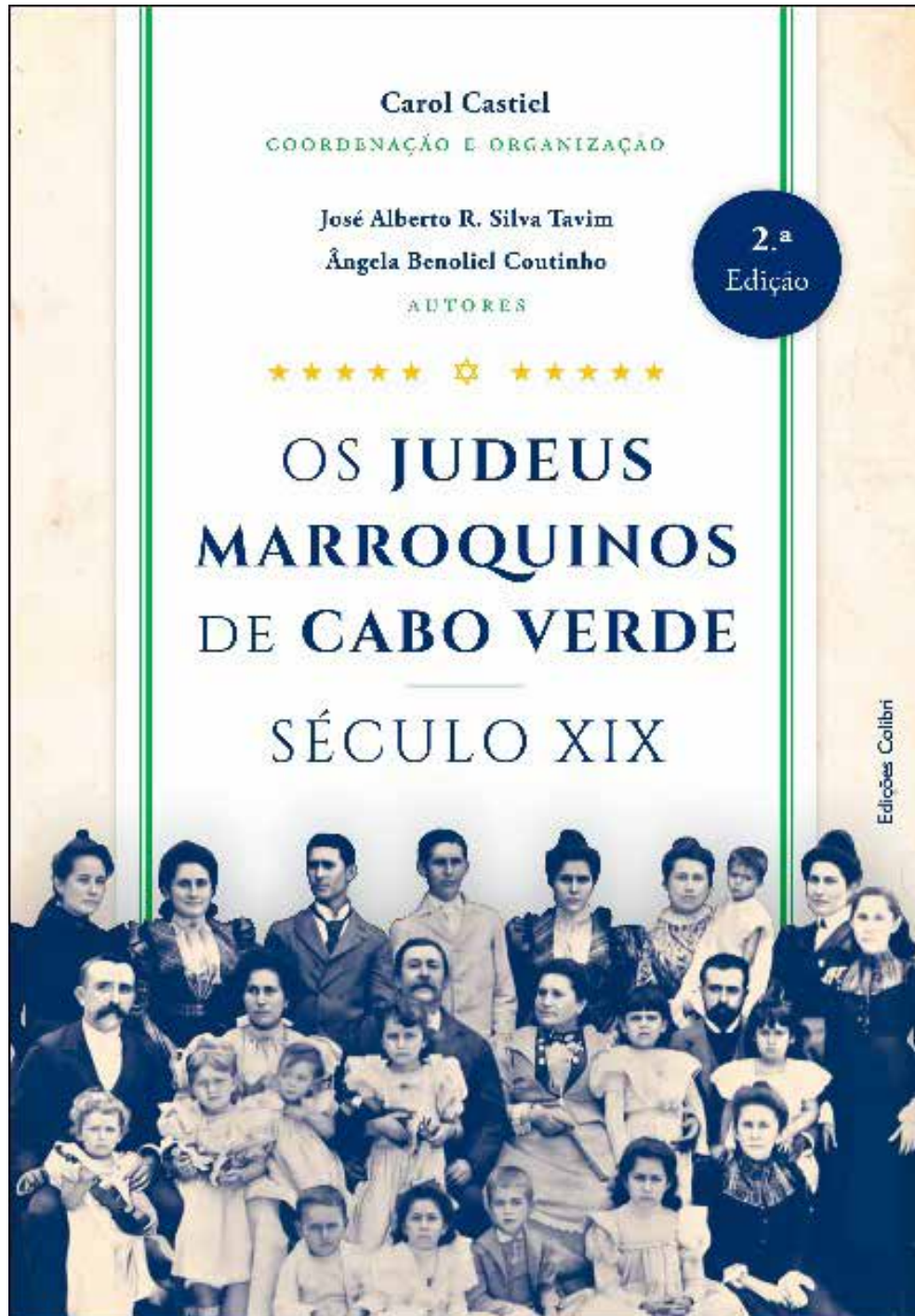
vizinhas. Entre estes ilustrados judeus encontrava-se Fernão de Loronha, o nosso Fernando de Noronha, que dirigia um “consórcio de cristãos-novos ao qual tinha sido outorgado o arrendamento do comércio no Brasil”. Apesar destes privilégios, a Inquisição se lançou também nas ilhas de Cabo Verde, o que trouxe os mesmos dissabores e perdas humanas que existiam na Península. Enfim, Cabo Verde era Portugal...

A historiadora Ângela Benoliel Coutinho assina o ensaio “Judeus de Marrocos e de Gibraltar, em Cabo Verde, no Século XIX” e explica que o estudo inclui judeus descendentes daqueles expulsados ou fugidos da Península Ibérica, já considerados, no século XIX, marroquinos ou gibraltarinhas.

No exame da convivência judaica nas ilhas, a autora examina as diversas etapas vividas entre a morada original dos judeus e seu estabelecimento nas ilhas cabo-verdianas, como os motivos que os levaram a escolher as ilhas no meio do oceano para viver, onde permaneceram até o final dos seus dias.

Suas pesquisas a respeito das comunidades judaicas no Arquipélago se baseiam em intensa consulta à documentação catalogada em Cabo Verde e em outros lugares especializados, bem como em bibliografias e em “testemunhos de descendentes”.

Coutinho faz um levantamento exaustivo de obras que trataram do assunto da presença de judeus em Cabo Verde e nas ilhas adjacentes, visto que todos se dedicaram a contribuir para a economia dos territórios portugueses, com extensão, em alguns casos, ao Brasil. Assim, além de proporcionar a si e à família um meio existencial, os judeus e os cristãos-novos enriqueceram, com seus conhecimentos e trabalhos em contato com os locais, a economia por-



tuguesa...

Porque os judeus marroquinos precisaram sair do Marrocos é o tema do segmento I do seu ensaio: “Situação geral de Marrocos, no século XIX”.

Primeiro, foi a guerra entre a Espanha e o Marrocos (1858-1869), que colocou todos os súditos em grave perigo de vida e à beira da miséria, com períodos constantes de fome abatendo-se no povo em geral. Para os judeus, tal época piorou suas vidas mais ainda pelo clima antijudaico que se espalhou pelo território. A autora ressalta que, ‘a partir da década de 1860, nas províncias do sul, prevaleciam os assaltos à mão armada’, resultando em ju-

deus sendo assassinados por motivo algum, a não ser por serem quem eram. Esta situação cobriu principalmente Tetuã e Mogador (Essaouira). Nesta última, “se instalaram muitos judeus sefarditas, sobretudo, idos de Livorno, em Itália, da Argélia, de Amsterdão e de Londres. A população judia chegou a representar 40% dos habitantes de Mogador.”

A historiadora se estende em relatos minuciosos sobre “Costumes dos judeus marroquinos”, antes de penetrar pelo território de Gibraltar, ressaltando sua comunidade judaica, com os capítulos “Alguns aspectos do Império Português, no século XIX”

(enriquecidos com inúmeras fotos de “Paisagens da época colonial” das ilhas de Cabo Verde, do acervo do CVJHP - Cape Verde Jewish Heritage Project), seguido por “Cabo Verde, no século XIX - aspectos gerais” e muitos outros artigos, relacionados aos descendentes dos cristãos-novos, aos habitantes judeus em cidades como Tânger e Rabat no Marrocos, aos moradores das ilhas, quase todos comerciantes e navegantes ao mesmo tempo, pois faziam negócios fora do Arquipélago, circulando pelo “Atlântico português” e no Mediterrâneo. Antigos habitantes judeus das ilhas são examinados por intermédio de docu-

mentos, extratos de negócios, propostas de construções (como moinhos de vento, depósitos de água, hospitais etc.), pedidos de autorização para a exploração de certas plantas e assim por diante.

A movimentação era intensa entre as ilhas e entre estas e países ultramarinos. A vida familiar judaica também é analisada, como os relacionamentos entre as famílias, os casamentos entre moradores do Arquipélago e entre estes e pessoas do Marrocos.

Em certa altura da existência dos marroquinos, gibraltarinhas e caboverdianos judeus, surgiu o apelo amazônico. Foi o início da migração judaica, principalmente de marroquinos, para a região norte brasileira, que conta até hoje com uma extensa comunidade espalhada por toda a extensão da Hileia Amazônica.

A segunda edição deste livro difere da primeira pelo acréscimo da listagem das Fontes Arquivísticas, o que servirá de instrumento de altíssima importância para atuais e futuros pesquisadores dos temas tão magnificamente apresentados neste volume.

As últimas 20 páginas desta obra, numeradas de I a XX, trazem extraordinárias fotos (em preto e branco e a cores) de documentos, como cartas, procurações, relatórios sobre demografia do Arquipélago, inventários, passaportes, além de fotos de residências dos antigos habitantes judeus das ilhas (algumas reformadas, outras em estado deteriorado), creditadas a Carol Castiel e Ângela Benoliel Coutinho. Esta coletânea é enriquecida por fotografias dos antigos moradores de Cabo Verde e de alguns de seus descendentes, que generosamente as cederam para esta publicação, como esta que figura na capa deste precioso livro.